



ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO



Dualidade: entre o real é o imaginário

Dualidade: entre o real é o imaginário
Orientadora: Patricia Franca-Huchet
Raíra Francielle Costa Rocha
Diagramação: Tâmara Martins



AGRADECIMENTOS

Devo meus sinceros agradecimentos á minha Orientadora Patricia, que teve Compreensão e paciência para, em conjunto, executamos este trabalho, me impulsionando a fazer o meu melhor. Agradeço aos meus pais pelo apoio aos meus estudos e por compreenderem minha necessidade de criar e aprender.

Agradeço às dificuldades do caminho que me mostraram qual era o certo. Agradeço aos meus colegas e professores que, durante todo o percurso acadêmico compartilharam seus conhecimentos, experiências e inspirações e assim, me ajudaram a crescer intelectualmente. Obrigada.

RESUMO

Este trabalho é reflexão sobre a natureza como meio de inspiração para a arte e ciência. Nele tomo com base conceitual textos filosóficos que analisaram as ideias do real e do imaginário, trabalhados por filósofos tais como Arthur Schopenhauer, Schelling e Didi-huberman. Crio uma teia que interliga conceitos, desenhos e experiências de vida que se relacionam com a natureza. O que Realizo nos desenhos é minha maneira de pensar o mundo através deles. Todas as influências se reúnem para formar um todo. Viajei no tempo em busca de Outros que, assim como eu, possuíam grande curiosidade pela natureza e dela obtinham inspirações para criar. Entre as artistas encontrei Maria Sybyla Merien, Rachel Ruysch, Nara Amélia e Ana Elisa Egreja. Em suas obras deparrei com similaridades e entendimento e, observando a linguagem que cada uma empregava em seus trabalhos, pude ver com clareza o que meu trabalho tem a revelar.

Da ciência retiro mais que a forma expressa nos desenhos científicos. Ela é a fonte primária na qual busco respostas para as perguntas que crio através da arte e, as expresso no papel. Vivo uma dualidade, entre a ciência e arte, o real e o imaginário. O possível e o impossível. Com este trabalho tentarei encontrar algumas respostas e com sorte criar novas perguntas.

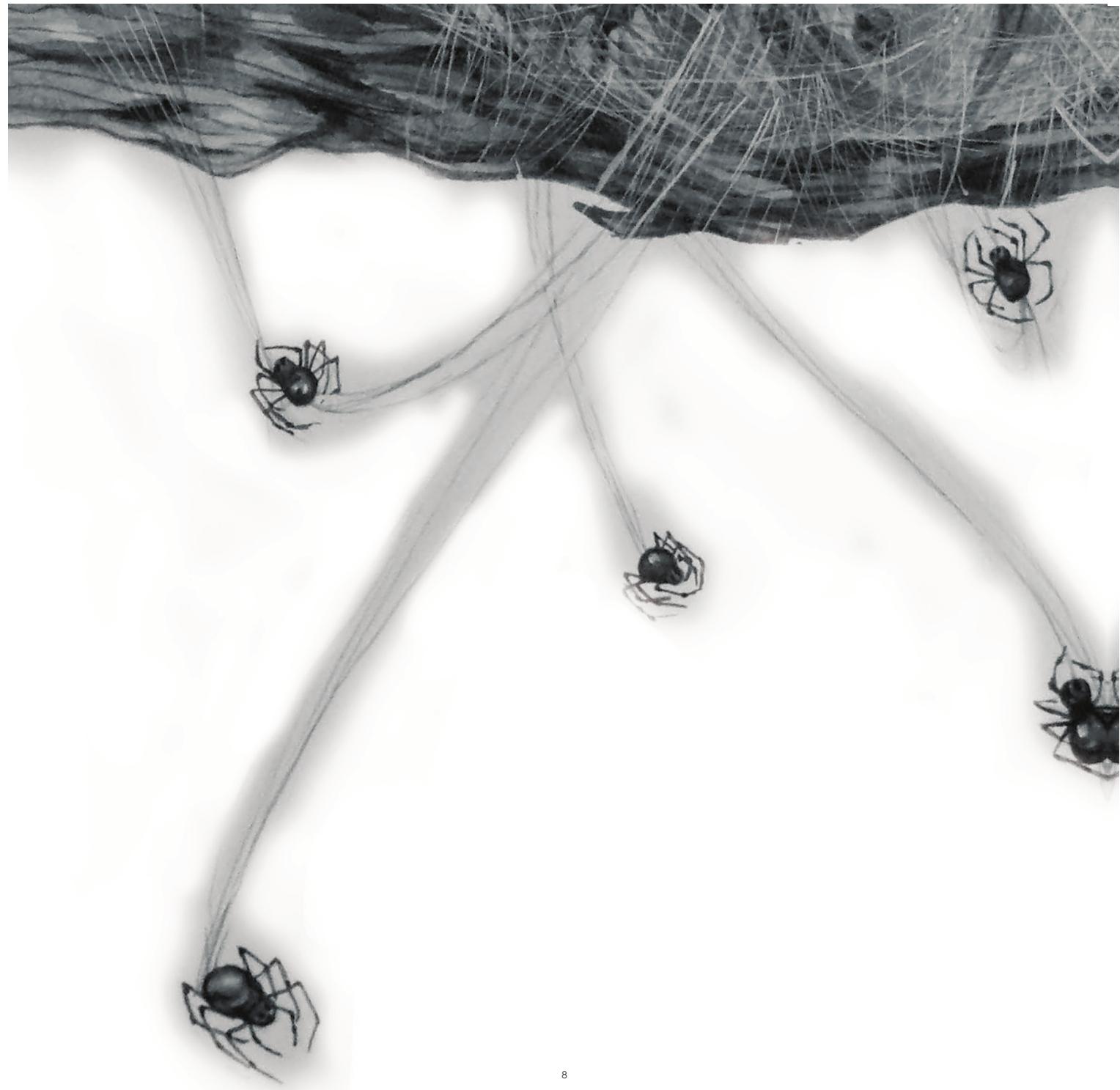


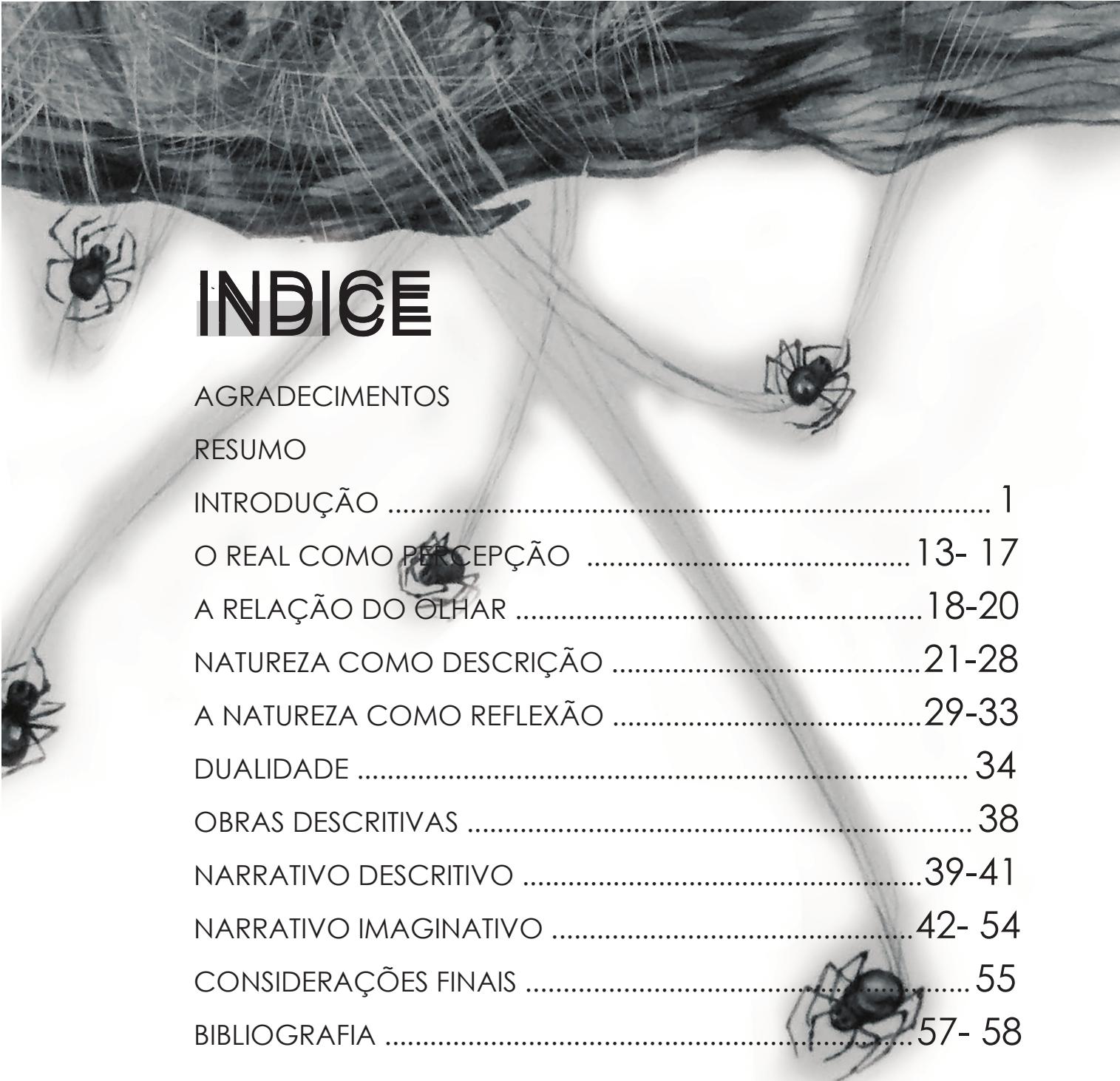
SUMMARY

This paper is a reflection about nature as a source of inspiration for art and science, Taking as conceptual base philosophical essays that study the idea of reality and Imagination, and the work of philosophers like Arthur Shopenhauer, Schelling and Didi-Huberman. I create a web that interlinks concepts, drawings and my life experiences Related to nature. These drawings are a way for me to see the world thought them. All The influences are united to form a whole. I travelled thought time in search of others that Like me, had a deep curiosity about nature and thought it gained inspiration to create. In this search i found fellow artists such as: Maria Sybilla Merian, Rachel Ruysch, Nara Amélia and Ana Elisa Egreja. In their art works i come across similar views and understanding. By observing the language that each of them used on their art works i could see with clarity what My artwork has to reveal.

From science i took more than the forms expressed on scientific drawings. Science is my Primary source. Thought it i search for answers and through art i raise questions that i give form on paper. I live on this duality between science and art, reality and imagination, the possible and the impossible. With this paper i am trying to find some answers, and ,with Luck, raise new questions.







ÍNDICE

AGRADECIMENTOS

RESUMO

INTRODUÇÃO 1

O REAL COMO PERCEPÇÃO 13- 17

A RELAÇÃO DO OLHAR 18-20

NATUREZA COMO DESCRIÇÃO 21-28

A NATUREZA COMO REFLEXÃO 29-33

DUALIDADE 34

OBRAS DESCRIPTIVAS 38

NARRATIVO DESCRIPTIVO 39-41

NARRATIVO IMAGINATIVO 42- 54

CONSIDERAÇÕES FINAIS 55

BIBLIOGRAFIA 57- 58



Introdução

The Beginning and end of all literary activity is the reproduction of the world that surrounds me by means of the world that is in me, all things being grasped, related, recreated, molded, and reconstructed in a personal form and original manner.

Johann Wolfgang von Goethe ¹

Neste primeiro trabalho de pesquisa tenho como propósito discutir ideias que envolvem minha criação artística refletindo sobre a representação da natureza em sua forma descritiva e narrativa, utilizando como parâmetro para reflexão trabalhos de artistas que abordaram o tema e, também realizo um passeio sobre Conceitos do real e do ideal, abordados na filosofia. Em seu aspecto narrativo vejo percepção pessoal que se expressa no modo de ver e entender as relações do que é observado como real, as possibilidades de comportamento e relações entre seres e espaços, assim como um convite à peculiar arte de ver e analisar o que é visto. É diante desta dualidade que vejo meu trabalho artístico como uma busca exploratória do mundo através do desenho, pintura buscando o estudo do real como entendimento da funcionalidade da matéria, evocando o sublime das sensações que a observação propõe, pensando nas inúmeras possibilidades de interações. Me permito sonhar e demonstrar a diversidade de vida que observo, analiso, questiono e represento.

¹ O começo e o fim de toda atividade literária é a reprodução do mundo que está ao meu redor pelo sentido do mundo que está dentro de mim, todas as coisas sendo agarradas, relacionadas, modeladas, reconstruídas de forma pessoal e original.

Johann Wolfgang von Goethe citado por Cf. Edward Hopper, 2015. tradução nossa.

O real como percepção

Por trabalhar com imagens da natureza desenhadas muitas vezes de uma observação atenta, das situações que se apresentam a mim, por vezes de forma inesperada e oportunas, vejo uma necessidade de questionar, o que é o real? O que podemos entender como real? Partindo deste questionamento e de muitos outros, tento compreender o meu fazer artístico e minha percepção frente à natureza.

Realidade pode ser aquilo que percebemos através do olhar, o que observamos, mas, se houver algo além, e se o que olhamos e percebemos como realidade é na verdade uma criação, uma imagem criada na mente, por ser criada na imaginação a tornaria menos real?

Acho importante esclarecer os conceitos aos quais me refiro quando falo sobre o real e o imaginário, pois são questões que permeiam nossa vida e não é algo fácil de se definir ou explicar. Nossa ideal geral a respeito do que é o real está fortemente ligado à nossa visão. É a matéria que constitui os seres e objetos e que nós legitimamos como reais pelo toque. O que percebemos com nossas experiências corpóreas, em um dado ambiente em relação a outro objeto ou ser, são suficientes para afirmarmos que é real, mas se olharmos por outro ângulo, levando em conta o fator de percepção como imagem formada na mente, e perceber a imagem vista como conjunto de sinapses elétricas que formam esta imagem vista e se a percebemos como ideia e desprovê-la de matéria física, poder-se-á afirmar que não é real? Esta pergunta nos aproxima da fí na linha que separa o real, da fantásti-

ca capacidade da mente de criar imagens e nos dar a sensação de realidade. Como conclusão deste pensamento poder-se-á afirmar que o real é relativo. Partindo desta reflexão anterior, o pensamento sobre o real discutido no livro “O mundo como ideia” de Arthur Schopenhauer nos mostra de forma clara a importância da correlação para a concepção de existência, como neste trecho:

It then become clear and certain to him that what he knows is not a sun and an earth, but only an eye that sees a sun, a hand that feels an earth; that the world which surrounds him is there only as idea, only in relation to something else, the consciousness, which is himself.²

Aponta que nosso entendimento dos objetos está na maneira como eles se apresentam no mundo, ao qual percebemos pela visão. O conhecimento do objeto, em si não é possível, o que conhecemos dos objetos são fenômenos. Por exemplo, “o olho que vê o sol”, entender o que é visto e não apenas o que é material, mas sim o conhecimento do ser como observador, em relação ao objeto observado. O real é a relação do ser com o mundo que está sendo percebido, observado, este conceito segundo Schopenhauer apresenta o pensamento de Locke sobre a questão.

Para este, o real é a matéria e, sem qualquer consideração pelo escrúpulo de Leibniz a respeito da impossibilidade de uma conexão causal entre a substância pensante imaterial e a substância extensa material, supõe uma influência física entre matéria e sujeito do conhecimento. Aqui, entretanto, com deliberação e honestidade raras, chega a confessar a possibilidade de aquilo que conhece e pensa também ser matéria...³

² SCHOPENHAUER, Arthur. *The world as will and idea book 1.*seventh edition, London, Kegan Paul, Trench, Trübner & co. 1909 p 4.-Então se tornou claro e certo para ele que o que ele conhecia não era o sol ou a terra, mas apenas o olho que vê o sol, a mão que toca e sente a terra; e que o mundo que o rodeia está presente apenas como ideia, apenas em relação a outro, a consciência que é ele mesmo. (tradução nossa).

³ SCHOPENHAUER, Arthur. *Esboço de uma história de uma doutrina do ideal e do real. Parerga e Paralipomena* p.7).

Faz uma distinção ou separação do homem entre o pensamento, cogito, do corpo, o que conhece a metafísica. O mundo das ideias, a mente seria o nosso verdadeiro ser, mas quando diz: "...chega a confessar a possibilidade de aquilo que conhece e pensa também ser matéria..." reconhecer que o ser é a junção de partes e que sim, a matéria tem o seu papel de influência no conhecimento dos objetos. Mas afirmo que considero o pensamento de Schopenhauer como uma soma ao pensamento de Locke ao ver o real como coisas em-si, como algo mais profundo além do nosso alcance perceptivo, prévio ao nosso entendimento primeiro de reconhecimento. A matéria talvez seja um tênuo link entre a coisa em-si e o fenômeno; forma na qual se apresenta.

Mas segundo ele em reflexão sobre este problema filosófico que aponta em seu texto "Esboço de uma doutrina do real e do ideal"; o que percebemos é na verdade o fenômeno de ação do objeto no espaço, que o real está ligado à coisa-em-si, e não temos acesso a ela, o que temos é o conhecimento das coisas como fenômeno, como citado abaixo.

Disso segue-se também que todas aquelas qualidades primárias, i.e, absoluto, qualidades de coisas, que foram determinadas por Locke, não podem ser peculiares às coisas-em-si, mas são inerentes ao nosso modo de conhecê-las, pois todas essas qualidades são compostas de puras terminações de tempo, espaço e causalidade e, consequentemente, devem ser consideradas como pertencentes não ao real, mas ao ideal. Finalmente, segue disso que não conhecemos nada sobre como as coisas são em si mesmas, mas tão-somente em sua aparência fenomênica. Assim, o real, a coisa-em-si, permanece algo completamente desconhecido, um mero x, e todo o mundo da percepção intuitiva provém do ideal como uma simples representação, um fenômeno, ao qual, entretanto, algo real — uma coisa-em-si — deve corresponder.⁴

Se pensarmos no real percebido como fenômeno ligado ao conhecimento empírico da natureza das coisas e vermos todo registro de imagem com o intuito

⁴ Ibidem.p.9 **SCHOPENHAUER, Arthur**. Esboço de uma história de uma doutrina do ideal e do real. Parerga e Paralipomena .

de representar o “real” e aceitarmos que a representação é na verdade uma ideia do real, quando pensamos na percepção como ideia que construímos a respeito das coisas, seria então aproximar o papel da imaginação, não como meio de afastá-la do real, mas sim como meio mais profundo de entendermos o mundo, como nos diz Didi-Huberman em trecho a seguir:

Porque é um enorme equívoco querer fazer da imaginação uma pura e simples faculdade de desrealização. Desde Goethe a Baudelaire, entendemos o sentido construtivo da imaginação, sua capacidade de realização, sua intrínseca potência de realismo que a distingue, por exemplo, da fantasia ou da frivolidade. É o que fazia Goethe dizer: “A arte é o meio mais seguro de alienar-se do mundo como de penetrar nele.”⁵

Vejo a imaginação como ferramenta de entendimento, estudo, com ela desmembramos conceitos e simulamos ações, isso nos aproxima de um entendimento verdadeiro, dos objetos, levando em conta que este real está sempre relacionado ao ser, é neste sentido que a arte, como citado acima, é forma de concretizar os fenômenos observados. A arte em conjunto com a imaginação, como ferramenta formadora de imagem, nos possibilitando manipular, criar e entender o que vemos, mas ela ainda nos possibilita ver além.

Não há imagem sem a capacidade de processamento desta informação, ouso dizer que nem mesmo a arte existiria sem esta capacidade até então genuinamente humana. Se nos voltarmos a concepção da criação de imagem como representação fíel e descriptiva do que é e visto, esta imagem passa a ganhar um valor ainda maior de existência, o valor da verdade, onde o papel da arte se apresentaria como espelho pronto a refletir sonhos, verdades e temores de um tempo. Nesta reavaliação da imagem real, Didi-Huberman aponta uma questão ainda mais intrigante, “o que acontece quando as imagens tocam o real?”, segundo ele as imagens ardem ao se depararem com o real, mas o que é arder? , penso neste

⁵ DIDI-HUBERMAN. Quando as imagens tocam o real. 2012. p 3.

arder como a urgência que uma dada imagem ou pensamento possuem naquele que a tornará real, ao artista que lhe dará corpo; esta imagem feita a partir da observação do mundo em vários sentidos. A matéria a sua mais sublime poesia, estão fortemente ligadas à memória, mesmo a concepção de tempo presente se torna obsoleta quando à ligamos a memória, pois o fato precisa ocorrer, a imagem precisa ser vista, processada e guardada, uma imagem não é apenas recorte do real em seu espaço e tempo, é um registro de sensações e ideias de um presente real, que se torna visualidade.

Mas há outro ponto que a meu ver se torna essencial para existência da arte como criadora de realidades; é a percepção que temos das sensações que uma imagem revela e da sua capacidade de transmiti-las. O que a torna possuidora de uma característica que se aproxima do real, é dar ao expectador a oportunidade de crer na existência pela sensação, que esta o transmite, a sensação além dos os detalhes dão a ideia de realidade. Aqui aproximo mais destes dois campos, ou seja, a imagem vista real e a imaginada, como reflexos uma da outra.



A relação do olhar

Quando ver é sentir que algo inelutavelmente nos escapa, isto é: quando ver é perder. Tudo está aí...

Didi-Huberman.

O que é, sempre nos escapará.... Quando vemos o mundo vemos com sentidos que são os nossos, e por isso acabamos aprendendo mais sobre a nossa capacidade de ver as coisas, do que as coisas elas mesmas...

Clovis de barros.

Temos a impressão de que observar é reter informação, se pensamos como parâmetros para a observação apenas apreensão do que é visto como matéria, forma, presente em um espaço e tempo. Apenas a imagem física do objeto no sentido de sua observação. Mas como bem sabemos somos mais que uma roupação de matéria, somos pensamento, somos consciência, somos espírito. Tendo este pensamento em mente, sobre a afirmação de Didi-Huberman de que “olhar é perder” este raciocínio se torna mais claro. O vemos e na verdade uma parte muito pequena, nosso campo de visão de cerca de 180 graus, é restringida ao foco visual, específico, como podemos perceber a visão se restringe em campos mais específico, se contarmos com a capacidade da mente de processar as imagens vistas, este campo se restringe ainda mais, então Didi-Huberman está certo ver e perder.

Quando pensamos como observamos o mundo à nossa volta, muitas vezes, somos levados de forma desatenta a pensar que o que vemos, o externo, é o suficiente para afirmarmos que é o todo do ser observado, que pode ser restituído em seu físico tudo o que é, para um investigador do mundo visível e não visível, ao qual a

arte nos apodera, a visão da superfície exterior e apenas o princípio, um meio de se chegar a ver mais, e um convite aos atentos, a um mistério de complexidade ao qual a vida se apresenta.

Sobre estes aspectos, podemos nos afastar da matéria evê-la de outra maneira, investigar com maior profundidade. Este afastamento da matéria, esta imersão no mundo metafísico das ideias, possibilitado pelo pensamento, cogito, tão intrínseco ao ser humano, aumenta nossa capacidade investigativa da natureza das coisas, em sua forma fenomenológica, uma aproximação da coisa-em-si como matéria fundadora, prévia a nós, como descrição na busca de respostas para sua-natureza pura, seu ser independente de nossa visão dele.

Ver é perder para aqueles que não se deixam explorar a complexidade de um ser, para aqueles que não veem na simplicidade de um instante visto de um ser vivo, milhões de partes, processos, que tornam aquele momento possível de ser observado, visto. O mundo é um lugar de fascínio para os que veem nele um aprendizado, recolhido nos detalhes de momentos corriqueiros, de uma vida que não cessa, não para.

Há um mundo de significados por trás da inclinação ou força criativa que impulsionam a existência de uma imagem, sendo ela a materialização de um momento, de uma sensação, ela é uma visão pessoal do fenômeno, como Clóvis de Barros nos diz “vemos o mundo com nossos sentidos, e entendemos mais a nossa capacidade de ver.” Poderia expressar o movimento de conhecimento que ao direcionar-se ao outro, conhecemos mais a nós mesmos; isso me faz questionar: nossa percepção pode ser aprimorada, há limites para percepção? São perguntas intrigantes.

O Prof. Marcos Anacleto me disse certa vez, “A realidade é relativa, nós trabalhamos com graus de realidade”. Por isso penso que a arte realista, no sentido de retratar o fenômeno que é observado, a matéria física, muito mais abrangente que uma reprodução do real, implica na visão de uma pessoa, parte de si mesmo são expressas nesta visão, penso que, mais que representar, capturar ou retratar, o desenho ou pintura “com grau de realidade”, sejam uma busca de conhecimento da natureza das coisas, na qual Arthur Schopenhauer nos diz que não temos acesso, como este ponto vital de existência. Sendo assim muito mais que uma imagem com traços realistas, ela carrega consigo uma afirmação de existência de vida do indivíduo que a observa.

É sobre estes ávidos espectadores e verdadeiros retratistas da vida natural que gostaria de me incluir. Séculos, países e línguas poderiam nos separar, mas a paixão pela natureza nos aproxima.

Natureza como descrição

É difícil definir natureza por meio de um conceito, vemos como natureza algo que é externo a nós, como algo em que observamos e interagimos, somos espectadores e a natureza objeto, como algo além separado de nós, a natureza se torna objeto a nossos olhos. A própria palavra natureza nos aponta duas direções, a primeira como significação de algo natural, criado sem interferência humana, algo que acontece por si- mesma a segunda como natureza das coisas, sua matéria e essência criadora, uma que engloba as duas anteriores, natureza como extensão do mundo de sua diversidade, plantas, animais, minerais... talvez seja por este seu aspecto de pureza nata, que o ambiente natural é qualificado como obra divina, e sua representação ganha significação iconológica, em imagens produzidas até o início século XV Já ao final deste século e inicio do XVI, com crescente curiosidade e apresso dos estudos, o mundo deixa de ser explicado por mitos e crenças, a ciência prolifera, gera frutos.

Mas há outra maneira de se pensar a natureza, nossa interação com ela, esta filosofia da natureza é apresentada por Schelling, como algo mais grandioso, uma uniificação da existência pela junção das partes, formando uma completude e multiplicidades que engloba não só a percepção humana, como nos apresenta Schopenhauer, na formação de um real, mas uma reflexão mais complexa da existência, em que a natureza é espírito, e como tal, sua presença de vida é sentida e reconhecida por nós, nos uni como uma só energia, como organismo, em que a vontade e ideia tomam forma na matéria, estudamos sua manifestação como fenômeno, movimento.

Gostaria de refletir sobre estes aspectos abrangentes da filosofia de Schelling nas imagens de duas artistas e suas obras, como tal, não me restringirei as barreiras do

tempo, espaço ou estilo, nem mesmo técnicas artísticas, será uma busca mais ampla, visando aproximação temática em torno da imagem da natureza, escolhi não separá-las por uma temática mais específica como, paisagem, natureza-morto, ou desenho científico, pois os trabalhos apresentados englobam estás separações, mas também são mais que um único gênero pictórico.

Como uma imagem com forte evidência da descrição e cuidado exploratório científico, a primeira artista que gostaria de apresentar é Maria Sybila Merian, uma artista alemã, que viveu entre 1647-1717, viajou para Suriname, e Holanda, onde seus desenhos, pinturas, gravuras, ganhou renome entre botânicos e colecionadores. Suas obras compõem em uma única imagem, o ciclo de vida do animal e planta da qual se alimenta, em qual põe os ovos. Desenvolvia seus trabalhos com base na coleta e observação, mas acima de tudo o seu fascínio pela natureza é evidente pelo cuidado ao representar, embora apresente a composição voltada ao estudo científico, com fundo branco, foco em características físicas para identificação do animal, há uma preocupação com a beleza das imagens, mas não como algo superficial, mas uma essencialidade na centelha de vida e sua plena curiosidade diante destes seres, vejo uma busca fervorosa pelo conhecimento, tanto sua presença física, seu comportamento e ambiente. É uma imagem que questiona e busca compreender os mecanismos de vida, com a mesma atenção aos detalhes.

A outra artista, Rachel Ruysch, de origem Holandesa, que viveu entre 1664-1750, apresenta uma natureza morta, mas que não poderia estar mais viva, em seus elaborados arranjos de flores, pequenos animais se escondem e se revelam, um vento que move as folhagens parece jamais cessar, apesar da beleza aparente, o olhar científico e curioso, expresso nos detalhes que compõem animais e plantas, ao ponto que a identificação de espécies, se torna possível.

Este requinte aos detalhes que vemos nos trabalhos destas duas artistas, apontam para o acesso ao conhecimento científico, que podemos afirmar que tiveram acesso, quando olhamos a configuração familiar e ao círculo social em que cresceram, a configuração familiar composta por artistas, médicos, botânicos, pessoas que possuíam conhecimento específico proporcionando uma fundação para o crescimento delas como artistas. Rachel Ruysch e a Maria Sybila Merien, são dois destes presentes casos, em que o contexto familiar foi essencial para a formação artística delas. O pai de Rachel Ryusch, Frederik Ryusch era médico, botânico, e anatomicista, fazia “Diorama”⁶ em museus e se especializou na preparação e conservação de espécimes. Ela ajudava com a disposição de exemplares junto ao pai, exemplares de coleção, de esqueletos, animais e flores, que serviram de objetos de desenho para ela na infância, e sua irmã Anna Elizabeth, também artista. O pai, possuindo grande conhecimento de botânica e anatomia, parece ter passado para as filhas a atenção ao detalhe e paixão pela natureza, o que se vê expresso na obra. Apesar das dificuldades, sendo mulher casada, e com 10 filhos, alcançou fama e reconhecimento, tendo uma carreira de mais de 60 décadas.

Maria Sibila Merian, tem história semelhante, vêm de uma família de artistas. Seu pai, o gravurista Matheus Merien, morreu quando ela tinha 3 anos, seu padrasto Jacob Marell, pintor de natureza morta a ensinou a pintar. Adorava jardins e colejava animais e plantas, desenhava sempre pela observação, pela atenção aos detalhes e pela fidelidade, apresentados nas cores e formas dos espécimes observados, seus trabalhos eram reconhecidos no meio científico, quando se casou com o pintor Johann Andreas Graff, e teve sua filha, Helena, que também pintava junto a mãe e a acompanhou em uma viagem ao Suriname onde realizou vários desenhos, fazendo um livro sobre os espécimes estudados.

Estas são apenas duas artistas; que expressão uma visão cuidadosa e exploratória

⁶ **Diorama** - Nome dado ao cenário pintado e organizado em museus para exposição de animais, reproduzindo seu ambiente natural.

sobre a natureza, vejo em suas obras muito mais que beleza, em suas forma reais, temos a oportunidade de ver um pouca da realidade delas quanto, ser observador, questionador, elas colocam a sua própria visão, em busca de ir além do que é visto, penso que elas buscavam a coisa-em-si, a alma não vista, mas que estava lá diante delas, a pintura e o desenho, são a maneira para tentar alcançá-la. Elas veem a natureza, são vistas por ela e acabam por verem a si mesmas, na composição, na mistura das cores, na suavidade das pinceladas. O processo de ver e retratar é complexo.

Pensando sobre esta relação do individuo, artista, com a obra, schelling aponta:...A imagem da natureza como um artista que produz sua própria obra, não a partir do nada , mas a partir de si mesmo, ou seja, a partir da matéria absoluta, que é a própria natureza, autoformando-se, portando, transformando-se nessa obra (de arte).Shelling, 2010.p.29. Este pensamento é unificador, pois o criador e a obra, não são mais coisas separadas, mas peças em um sistema maior, provenientes de uma fonte em comum a natureza.





Penso ser uma pena que ambas as artistas não tenham deixado autobiografia, (há relatos escritos por Maria Sybila Merien sobre suas observações, mas aos quais ainda não tive oportunidade de encontrar); adoraria saber sua corrente de pensamento ao realizarem tais obras, não posso deixar de pensar do ponto de vista criativo, no sentido de execução da imagem, o que estas imagens devem ter significado para elas?

Suas observações no dia a dia, o que as chamava atenção, as cores, as formas, o comportamento? Ou há algo além do que vemos, uma busca além do que é visto.

Uma unidade, que se constitui, ao fazer, ao pintar, o olhar como uma atividade do espírito, conhecimento como atividade da razão, o fazer como constituição da existência matérica, o próprio processo artístico é uma passagem pelo ciclo de constituição de um organismo, se observamos as imagens apresentadas anteriormente, vemos esta concepção de mundo, de microcosmo, que se expande a um macrocosmo, quando o observador se inclui no ciclo de vida orgânica apresentado, o movimento que vemos por exemplo na imagem de Rachel Ruysck, em que as plantas e animais se movimentam diante de nossos olhos, esta centelha de vida expressa pelo movimento representado, só foi possível, pelo olhar da artista que ao observar o delegou a realidade, ao descrevê-lo ofereceu a possibilidade de reafirmar a existência de ambos, a consciência da existência de algo é um grau de liberdade do espírito, é formação de uma unificação entre nós e o que é observado, a linha que separa o sujeito do objeto desaparece, uma unificação se instaura. O que me lembra uma frase do filme “Vida e arte de Georgia O’Keffe” em que ao final, esta artista do modernismo, nos mostra um fragmento do pensamento que possuía ao criar, ou as razões pela qual fazia;

"A tanta coisa para fazer! Tanta coisa para pintar! Mas quando tenho ideia para um quadro, eu penso, que coisa mais comum; porque pintar uma montanha velha, um pedaço de osso, ou uma flor, então saio para caminhar e encontro a resposta, para outras pessoas estas coisas podem não ser algo comum, então eu pinto, da melhor maneira que puder."

O'keffe Georgia fí lme, vida e arte de Georgia O'keffe ⁷

Esta inclinação ou necessidade de ver, sentir, questionar o ambiente, a existência humana e das coisas, a busca pelo real, a coisa-em-si, está em cada pincelada, cada cor aplicada sobre a tela, este "Grau de realidade" da imagem, também é um grau de percepção do olhar, que ao olhar o mundo em busca de respostas, acaba por ver reflexões de si mesmo. "Logo, o que temos aqui é um completo e absoluto realismo, na medida em que a existência das coisas corresponde exatamente à sua representação em nós, visto que ambos são o mesmo." ⁷ Este pensamento apresentado por Schopenhauer, demonstra a natureza mais profunda destas imagens, como afirmação de existência das coisas mediante a nossa consciência e conhecimento que adquirimos delas, Schelling vai mais longe e nos diz que "A liberdade da consciência humana, o último estágio do espírito, é também, a natureza tomando consciência de si mesma." ⁸

A abrangência da vida é apresentada em várias áreas de conhecimento como filosofia, biologia, psicologia, artes e literatura. Estes conhecimentos são apontados nestes trabalhos artísticos, são expressos em uma metafísica de fenômenos, um agrupamento de realidade, conhecimento e imaginação.

⁷ **Ibdem**,Esboço de uma doutrina do ideal e do real p.5

⁸ Frase que engloba o pensamento de schelling de forma concisa.

A Natureza como reflexão

O conhecimento se expandiu, da realidade, aos estudos do fenômeno, da concepção da matéria, da percepção, da criação artística, para um conhecimento dos graus de realidade, mas há um fator que acredito ser importante citar, por parte da ação que exerce em nossa percepção e criação de imagens, a imaginação, apresentado muitas vezes como contrário a realidade, mas penso que são uma dualidade inseparável.

Imaginação é na verdade uma capacidade exploratória que nos permite aprender, testar. Se pensarmos o que seria das descobertas científicas? sem a capacidade de pensar, além do que existe, ou não existisse? É sobre este aspecto da mente ao pensar, em algo além do que é visto, que vejo nos trabalhos de duas artistas que apresentarei a seguir.

As obras da gravurista Nara Amélia, caminham entre descrição de animais, na constituição de uma narrativa infinitas. Há uma investigação do comportamento animal e humano. Há uma abrangência de conhecimentos que ela explora, a literatura talvez, seja uma das mais fortes influências da artista, mas o que me chama mais atenção são as possibilidades que suas imagens revelam a respeito do comportamento, é como um estudo psicológico da ação, empregada ao estranhamento do contexto, das interações entre espécies, ao reconhecível comportamento humano.

O título de uma de suas exposições realizada em 2013, descreve de forma mais completa seu trabalho, "O melhor dos Mundos Possíveis", onde se observa esta exploração das possibilidades de existência de ambientes e situações, bem como uma preocupação com a representação dos animais de forma realista, pois seu reconhecimento é necessário para a compreensão da obra, que caminha entre



o real e as possibilidades do imaginário, entre sonho e pesadelo. É possível criar narrativas ao se ver a imagem, mas o ponto interessante é que a narrativa não se encerra na imagem, ela é livre, se associa ao conhecimento do observador, e a outras imagens em uma narrativa infinita em tempo e espaço.

Apresentando semelhanças estilísticas com a gravadora Ana Amélia, a pintora Ana Elisa Egreja realiza pinturas em grande dimensão, são narrativas que beiram o hiper-realismo, os detalhes são impactantes, seu desejo de retratar o real e inegável assim como sua habilidade ao fazê-lo, ao constituir espaços cotidianos onde os habitantes, os animais, retratados em comportamento não usuais de interação, mostram o fator psicológico, na ação dos animais nestes ambientes. Mas em relato em vídeo, a artista esclarece que seu foco é na constituição do ambiente, que deseja despertar no observador a vontade de dele fazer parte, que este queira entrar nele. Por isso faz obras de grande dimensão como forma de aproximar o sujeito e a obra. Mas, acredito que a curiosidade que seus animais despertam por suas ações tão intrigantes, se tornam quase espelhos onde nos fazem pensar e talvez sirvam como um chamado, para que observemos melhor nosso próprio comportamento e interações com os outros e com o ambiente.



A beleza se supera. A natureza em sua diversidade se faz presente na obra. A forma real de objetos e seres são representados com perfeição. A própria matéria da pintura parece se destituir do peso físico, as finas camadas de tinta aplicadas sobre a tela parecem tão finas, que podemos compará-las com a retina ocular que reproduz uma imagem vista, a própria tela parece viver em um plano paralelo de existência, entre físico e o psíquico, como mente e corpo.

São nestes campos lúdicos que estas imagens expressam o brincar com as possibilidades do real, tornando-as hiper-realistas, ou as transmutando em algo surreal — as vejo como buscas de superação do real — como uma quebra da barreira entre ver e acreditar no que é visto; elas mexem com nossa percepção, nos fazem até mesmo duvidar do olhar, será que tudo o que vemos ao nosso redor e acreditamos ser real realmente o é? São questionamentos de nossa própria existência e da existência das coisas. E o que nos separa — sujeito de objeto? — penso que, talvez não exista separação.

Dualidade

Percebo quantos questionamento realizei até aqui, muito mais do que fui capaz de encontrar respostas. Este fato revela meu pensamento e processo criativo, construído muito mais pelas perguntas e curiosidades que encontro e as que chegam até mim, muitas vezes por caminhos que não consigo definir bem sua origem. As minhas fontes são extensas, de livros, observações diárias, fotografias, filmes documentários, tudo que me sobressai tudo o que não comprehendo com clareza se torna desenho e, com o lápis e papel tento desvendar o que me é desconhecido. Devido a inúmeras fontes de inspiração e conhecimento, não foi fácil encontrar uma relação de ordem em meio a minha produção.

Ao analisar meus trabalhos em conjunto, pensando com a mesma curiosidade com a qual eu os realizei, tentei encontrar as linhas que os unem e as incertezas que os separam, chegando à conclusão que realizo em minha prática artística três divisões: obras descritivas, narrativo descritivo e narrativo imaginativo. Esta divisão inicialmente voltada para a dualidade realidade e imaginação, ganha uma terceira parte, a narração, que embora apareça não é parte central, mas sinto no dever de apontá-la, e para uma melhor compreensão e apresentação dos trabalhos, apresentarei as obras a seguir em suas respectivas categorias de criação, e não em sua ardém cronológica de criação.

Obras descritivas

Vejo nestas obras a intenção de captura, formas e cores com precisão, se assemelham ao desenho científico em que cada detalhe implica na diferenciação de espécies, a perfeição do desenho é necessária para reconhecimento claro, busco me aproximar desta veracidade. Mas o diferencial aqui não é somente a verificação clara da espécie em si, mas as características físicas que correspondam a personalidade única de cada ser observado, suas peculiaridades únicas, isso só é possível pela observação.

Pela experiência de proximidade e convivência que tive com os micos, que vinham até a minha casa pela manhã, durante o período de um ano, pude realizar fotografias, e observá-los, vê-los crescer, a família aumentar com novos filhotes. Com a informação que coletei realizei uma pintura à óleo de grande dimensão para retratá-los, trazer de volta a sensação que tive ao observá-los. Com uma licença poética, ofereci a eles uma amplitude de seu ambiente, com abundância de plantas, um local seguro, propício à vida. Esta experiência me marcou profundamente, não foi a primeira e nem mesmo seria a última.



A Borboleta Callico Brasiliensis me faz retornar a infância, sempre a via, quando visitava um terreno de mata que pertence a minha família, ela sempre passava diante de mim. Isso se tornava mágico para mim quando criança; em 2015 retornei ao mesmo lugar com a intenção de capturá-la, cheguei cedo, minha família me acompanhando, andamos pelos caminhos de terra, quando havia perdido as esperanças, lá estava ela, com asas azuis brilhantes pelo sol, que começava a se mostrar entre as árvores. Com a rede nas mãos, fui persegui-la, a capturei; era tão linda e forte. O desenho trouxe de volta a visão da experiência. A técnica do lápis de cor escolhida trouxe de volta a mesma dificuldade e a paciência necessárias tanto na captura quanto na execução do desenho e, o deslumbramento que ela me proporcionou em todos os anos que a vi, foi como capturar o ser de uma lenda. Tudo me faz pensar; formas, cores, mas nada é mais fascinante do que a maneira como esses seres agem. O comportamento animal privado da facilidade que a comunicação com palavras propicia é ainda mais rico e curioso. Demandam paciência e atenção do observador, quando se percebe o silêncio fala, as ações ganham sentido, e eu tento mostrá-los, como narração de um momento observado.



Narrativo descritivo

Aqui o intuito do desenho é demonstrar as relações entre animais e ambientes, relações verídicas, porém abordados de forma poética que buscam aproximar pela imagem as relações muitas vezes indiretas que existem. Estas relações expressas aqui vêm da observação quando possível, mas as vezes provêm de pesquisas, documentários, livros, me propiciando fontes para compreender as ligações e dependências entre os seres, na teia da multiplicidade da vida.

Como o trabalho realizado por um ser pode ter grande influência sobre o trabalho e as necessidades do outro, este ser primário, ajuda muitas vezes de forma indireta, que o outro crie sua casa. Tomando o beija flor, como exemplo, que recolhe teias de aranha para construir seu ninho, é uma ajuda indireta, expressa aqui como uma relação mais próxima de parceria, ou o sagui abraçado pelas folhas de coqueiro, são relações de co-dependência, e co-existência, relações que se tornam meios essências a vida.





Narrativo imaginativo

Nesta última divisão, os desenhos ganham mais liberdade e as relações aqui representadas não se restringem a realidade pura dos fatos, mas exploram as possibilidades que a imaginação propicia. Abrangendo diversas mudanças físicas; e comportamentais, tudo é questionado e posto em teste nos desenhos, que se tornam pesquisas das impossibilidades.

Já se perguntou o porquê as coisas são da maneira que são? ou o porquê não poderiam ser diferentes? Bem, são a estas questões que me propulsionam a pensar no impossível e remexer nas leis primordiais que ordenam a vida e as explica, desde a constituição da matéria, a luz, as forças físicas, a constituição do organismo, a gravidade, toda estrutura natural responde e obedece a uma lei, uma ordem natural.

E mesmo uma pequena mudança, em apenas um segmento, desencadeia vários eventos como popularmente conhecido, “efeito borboleta”, em que uma pequena quena ação causa efeito em cadeia gerando outros eventos. É perigoso brincar com as leis, mas fascinante tentar imaginar as mudanças, causas e efeitos de uma ação; a arte é um laboratório permissivo, em que os resultados não causam enormes danos à vida. É a ela que me recorro, como forma de saciar minha curiosidade, pois me permite “criar” no sentido físico, seres que no mundo talvez não fosse possível de vê-los.

Quando as perguntas se tornam imagem, a experiência ou teste de possibilidade de existência não são feitas em laboratórios, seus resultados não são dados em números, mas sim na imaginação e no papel, é para mim uma imagem que representa uma pergunta. É assim que o macaco em cores não usuais aparece, na tentativa de explorar a pergunta, do por que da coloração azul não aparecer de forma natural em pelo? O azul é uma cor que remete ao raro, na natureza não é diferente, quando ele aparece. É mais comum encontrá-lo em escamas de bor-

boletas e peixes, em peles, patas, olhos e penas, mas não em pelo, mas por quê? Na tentativa de encontrar uma resposta satisfatória, pesquisei, li e cheguei à expli-cação que; a cor pode ser gerada de duas formas. Primeiro, a que estamos mais acostumados como artistas, é a cor como pigmento, substâncias químicas gera-das em organismos como é o caso dos flamingos e a cor rosada de suas penas, que é provida pelo seu alimento camarão, ou a melanina que dá cor a nossa pele, mas a cor também pode ser gerada pela estrutura, chamada de nanotecnologia ou cor estrutural, descobriu-se que é possível mudar a cor de uma mesma substânci-a apenas alterando a forma gerada por suas moléculas, círculo, quadrado, retângulo e triangulo, para cada uma destas formas em nível molecular uma nova cor se torna visível, pois o que gera a cor é a refração da luz na substânci-a. Mas voltando a pergunta, se considerarmos que o fio de cabelo ou pelo, representam uma estrutura física, e que uma mudança estrutural modificaria e comprometeria seu estado, a cor estrutural não seria possível, conclusão: o cabelo apresenta cor como substânci-a e não estrutura, o azul assim é difícil de se obter naturalmente, mesmo a diversidade obedece à certas leis, a arte nos liberta destas leis.



Quanto ao comportamento animal, me permito imaginá-los pelas relações, como é o caso das borboletas, que me fascinam. Se olharmos de perto são seres magníficos, porém, tão frágeis às mudanças de temperatura, por suas cores se tornam presas de aranhas, pássaros e mesmo do homem, que as capturam por sua beleza. Mas me pergunto, e se não fossem tão frágeis? Bem, algumas espécies de borboletas possuem uma espécie de “veneno” ou toxina, que as tornam “não palatáveis”⁹, um sistema de defesa evolutiva contra a predação, o aviso sobre o perigo é exibido nas cores fortes, principalmente amarelos e vermelhos.

Aqui estas borboletas contra-atacam, não mais se protegendo pela toxicidade, mas ainda exibindo cores de aviso em suas manchas vermelhas, vencem o inimigo pelo número, como muitos animais de pequeno porte se comportam, formando grandes colônias tentando se proteger pelo número de indivíduos; aqui as borboletas atacam em conjunto aumentando suas chances de sobrevivência. Esta capacidade de mudança promovida pela adaptação evolutiva cria novos padrões comportamentais mais adequados ao ambiente, ligados também a capacidade morfologia dos animais, estas mudanças exercem importante função no sucesso de uma espécie, se um comportamento é bem-sucedido em seu meio, uma espécie prospera.

⁹ **Não palatáveis** - nome que se dá a borboletas que apresentam substância tóxica, que ao serem ingeridas por pássaros, provocam pelo gosto ruim o vómito.







Mas, questiono uma possibilidade: se o comportamento pudesse ser apreendido e desenvolvido não apenas dentro de uma única espécie e sim pela observação e convivência entre espécies que se misturassem e aprendessem uns com os outros, o que isso acarretaria? Surgiriam quais tipos de mudanças comportamentais? Poderiam até mesmo ocorrer mudanças físicas nas gerações seguintes, se levarmos em conta o impacto da ação e do ambiente no corpo, e sua implicação na sobrevivência do mais apto, isso poderia causando o surgimento de novas espécies? São questões intrigantes. Ao explorar estas questões sobre o aprendizado, o desenho do macaco surge como uma experimentação da capacidade de aprendizado pela observação, como a repetição de um ato o torna natural, o que me faz pensar o quanto uma ação ou comportamento é instintivo e quanto do comportamento é condicionado.

O que descobri ao pesquisar foi que o comportamento é o resultado de inúmeros os fatores internos como: hormônios, características genéticas e fatores externos; sons, estímulos olfativos. Estes fatores contribuem para fixar um padrão de comportamento ou até mesmo criar um novo. O estudo do comportamento, tanto humano, quanto animal é complexo e demanda tempo, pois é necessário o estudo de aspectos físicos, biológicos, psicológicos e fatores ambientais, pois tudo exerce influência sobre o comportamento, é uma área de conhecimento que espero poder me aprofundar mais, creio que a continuação deste estudo poderá gerar questionamentos relevantes para meus trabalhos artísticos. Embora admita que sou uma artista que almeja o conhecimento científico, ainda estou longe de alcançar o conhecimento amplo necessário para mais arguições deste assunto no momento.



Quando li uma publicação a respeito do surgimento de uma nova espécie de borboleta, chamada de asas de vidro, me interessei pelo conceito do surgimento de novas espécies. Descobriu-se por pesquisas que, borboletas com estas características, foram encontradas em exemplares que pertenciam a diferentes espécies, levando em consideração que a evolução é estudada em populações e não em indivíduos. As mudanças observadas devem ser feitas estudando determinadas populações em longo período, onde se possa averiguar as mudanças físicas, referentes a variabilidade genética.

Tendo estes conceitos em mente fiz quatro desenhos, tentando imaginar estas mudanças na forma da asa, tamanho e cor, usando uma espécie de borboleta conhecida por seu alto grau de variabilidade genética, pertencente ao gênero *Heliconius* partindo dela até me aproximar da borboleta asa de vidro. O desenho surge, após observar que borboletas do maracujá *Metrona Theonato*, que via em casa, a cada geração nova, o tom amarelo de suas asas antes tão pigmentados se tornavam mais claros, bem transparentes. Penso que talvez se as condições do ambiente se estabilizarem e a mudança na coloração persistir, esta espécie também pode desenvolver a característica de asas transparentes. Será um aprendizado a longo prazo, ver de perto esta mudança, quem sabe poder realizar registros, com fotos, estudo de espécimes, relatos escritos e desenhos.



Percebo a linha tênue que liga todo este conjunto de obras, tanto nas obras descriptivas quanto nas narrativas. O fundo branco se mantém como característica comum com as obras de ilustração científica, em que nelas tem a função de enfatizar e tornar claro o desenho, uma forma de facilitar o entendimento; aqui o branco tem a função de extração do momento, quase como uma dimensão paralela, onde as leis são maleáveis, tudo pode existir, o branco é permissivo, receptivo. O branco é associado a ideia de pureza, a meu ver engloba mais que apenas um sentido. Penso que o branco na matéria representa uma qualidade ou valor que está além de suas capacidades física, a matéria adquire as qualidades da cor branca, pura, in nita, receptiva, se desprovê do peso que a matéria possui, a superfície se torna profunda e infinita. Talvez seja diante desta imensidão, que muitos artistas ficam paralisados diante uma tela ou papel em branco, em instantes esta superfície, parece não ter fundo, ou dimensão, e um abismo que pode causar ao artista que parado diante dela, contempla sua pequenez, diante do mundo, ele precisa superar a imensidão que aquela tela ou papel representa, como um espelho que se abre a outros mundos o artista cria, e sua criação vive . O branco também pode ser visto na ausência, no silêncio, se torna a busca profunda, para se entender o interior das coisas, talvez esta calma impelida pelo branco externa da imagem representada seja um convite para que a coisa- em- si ou alma daquele ser se revele.

Considerações Finais

Chego ou final deste trabalho, com mais perguntas que inicie, com uma visão ampla do meu processo, do que realmente me desperta a curiosidade, com as perguntas e a descoberta de novos textos espero dar seguimento a esta pesquisa sobre o real e o imaginário, dos seres do comportamento, das formas, cores.

Poderia ter escolhido outros caminhos discursivos sobre o tema, mas percebo, agora, ao final, que este aprofundamento no cerne da percepção do real, era necessário, precisava compreender o que eu entendia por real, o que estas imagem vistas e realizadas, podiam significar, chego a conclusão que, foi um caminho difícil. O Assunto e amplo e profundo de mais para mim, mas fico feliz por ter percorrido este caminho.

Meu trabalho está em processo, não o vejo em conclusão, apenas em etapas, como etapa, está se encerra, mas deixa fios que se estendem em várias direções: de pesquisas científicas a respeito da cor às possibilidades da evolução, da peculiaridade do comportamento, da expressão dos materiais, das técnicas artísticas, das relações, afetos e memórias, há muito a ser feito.

Seguirei com a mesma curiosidade de criança que ainda não entende tudo, mas que sempre realizará perguntas. Com sorte conseguirei respondê-las, seguirei os conselhos dos filósofos e questionarei tudo, pois tenho o mundo diante de mim. Creio que o tema da natureza persistirá, pois ele faz parte de mim, com um tema tão diverso e vasto é difícil esgotar suas probabilidades.

Bibliografia

ARTHUR, Schopenhauer, 1909, the world as will and idea, Translated from german by R.B Haldade, M.A and Kemp.M.A, vol. 1. Seventh Edition, London, Kegan Paul, Trech, Trübner &Co. digital ebook, the project Gutenberg relese, December, 2011.

BARROS, Clóvis. Mundo Percebido, vídeo. Data. acesso em 15 de abril 2018. disponível em: (<https://www.youtube.com/watch?v=F145i5M-cO4>)

BATES, Henry Walter. The naturalist on the river Amazon. London: J. M. Dent, 1943.

BLOOM, Paul -introduction to psychology – Open Yale online courses vídeo gravado em spring of 2007.acesso em 20 de agosto de 2018 em: (<https://www.youtube.com/watch?v=P3FKHH2RzjI&list=PL6A08EB4EFF3E91F&pbjreload=10>)

BRITTO, Thiago Macedo, 2016, Aproximações entre natureza, ciência e arte em friedrich wilhelm joseph von schelling, publicado revista online Problemata international jornal of philosophy, acesso em 06 de maio de 2018 disponível em: (<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/problemata/article/view/29188/16661>)

H. MUNRE. fox e Gwynne Vevers- The Nature Of animal Color 1764

HUBERMAN,Didi- George. Quando as imagens tocam o real, revista pós,2012. traduzido do espanhol Patrícia Carmello e Vera Casa Nova.

MERLEAU-PONTY, Maurice, 1908-1961. Fenomenologia da percepção [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999

OWN. Denis Frank-Butterflies, Tropical Butterflies 1971

PEREIRA, Rosa Maria Alves, Ilustração zoológica, frente e verso editora, Belo Horizonte, 2016, 1º edição.

RIBBON, Michel, A arte e a natureza, 1991, tradução Tânia Pellegrini, Campinas SP, editora Papirus.

SAPOLSKY, Robert. Professor at Stanford university. Behavioral Evolution Biology. Online course ministrado em: 29 de março de 2010. Acesso em: 30 de setembro de 2018, em: > ><https://www.youtube.com/watch?v=Y0Oa4Lp5fLE> <

SCHELLING, Friedrich Wolhelm- Aforismos para introdução a uma filosofia da natureza-2010 Editora PUC rio.

SCHOPENHAUER, Arthur data. O Mundo como Vontade e Representação Tradução: Wolfgang Leo Maar. Versão eletrônica do livro três (3) da obra.

SCHOPENHAUER, Arthur Esboço de uma história da doutrina do ideal e do real, tradução: André Cancian fonte: Parerga e Paralipomena.



ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO

5
4
3
2
1
0
-1
-2
-3
-4
-5